



eWORLD, O MUNDO PROIBIDO

O usuário de Mac é um caçador de novidades. Vive à cata de informações sobre a Apple e seus produtos, que precisa garimpar em BBSs e revistas especializadas. Vascilha os suplementos de informática dos jornais atrás de notícias, colunas e notas de rodapé sobre Macintosh. Para ele, uma MAC-MANIA por mês é muito pouco. O usuário de Mac precisa de informações diárias, de hora em hora, se possível. Não basta ter um computador moderno e revolucionário. É preciso se manter atualizado com os últimos lançamentos e, principalmente, saber antes de todo mundo sobre o último boato, a última fofoca, para ser o primeiro a sair contando. Por essas e por outras, o melhor amigo do macmaníaco é o seu modem e o BBS é o seu segundo lar. Lá ele pode encontrar outros usuários, trocar idéias, pegar alguns sharewares e saber das últimas. Mas isso ainda é pouco. O usuário brasileiro ouve falar e lê em revistas importadas alguns nomes mágicos, que soam como música em seus ouvidos: eWorld, AppleLink, lugares em que você pode entrar em contato direto com a Apple e saber realmente o que está acontecendo. Ele ouve falar e pensa com seus botões: se o cara que compra um Mac no México ou na Inglaterra pode acessar, por que eu não posso?

O AppleLink, em qualquer país civilizado (leia-se, com um escritório local da Apple), é um canal legítimo para qualquer usuário obter

informações sobre o Macintosh, bastando para isso pagar (caro!) pelo serviço. No mundo inteiro, existem cerca de 50 mil assinantes do sistema. No Brasil, o AppleLink deveria se chamar SSIA, Serviço Secreto de Informações Apple. Somente as revendas e assistências técnicas autorizadas têm direito a senhas de acesso.

serviços através de um número local em São Paulo, operado pela Proceda. Assim, paga-se apenas a utilização e não o custo do telefonema internacional." Um pouco complicado, não? Com o eWorld, a coisa complica ainda mais. Não existe um número de acesso no Brasil e, mesmo nos Estados Unidos, o sistema ainda está em fase de implantação. Em todo caso, o sistema em si é um grande avanço, em relação ao AppleLink, com acesso mais fácil, maiores opções e, principalmente, um custo menor.

A idéia por trás do eWorld – uma rede de comunicação global com uma interface totalmente intuitiva – é bastante complexa. Toda a complexidade do sistema é escondida atrás de uma praticidade com prédios que qualquer um reconhece: uma escola, um posto de Correio, um clube, um prédio de negócios. O problema é que, com sua tradicional megalomania, a Apple superestimou o número de usuários que o sistema iria atrair. O número total de assinantes depois de cem dias de funcionamento do eWorld era de pouco mais de 36 mil, bem longe dos 100 mil projetados pela Apple. O principal motivo para tamanho erro de cálculo é que ele incluía a fusão com o AppleLink, algo que ainda não aconteceu. Segundo informações da própria Apple, o eWorld está sendo implantado no país, em uma espécie de regime de franquia, sempre em associação com uma empresa telefônica. No Brasil, a Apple pretende começar a conversar com empresas interessadas em licenciar e operar o sistema a partir do segundo semestre do ano que vem. Se os macmaníacos brasileiros tiverem sorte (muita sorte), em 96 poderemos estar acessando o eWorld. 🍏



O motivo para tal isolamento é a inexistência de uma filial da Apple no Brasil. A CompuSource, a única distribuidora oficial de produtos Apple no país, não tem como fornecer senhas de acesso ao AppleLink. Nem seria essa a sua função. Segundo seu diretor de marketing, Eduardo Carvalho, "o melhor caminho para quem quer acessar este serviço é comprar o kit do AppleLink em alguma boa loja nos EUA e fornecer um endereço americano e o número de um cartão de crédito internacional ao se registrar. Isto feito, pode-se acessar todos os